

fonte: O Estado de São Paulo

class.: 28

data: 23/05/1972

pg.: _____

Gigantes dão 1.º sinal, e é de paz

Alaur Martins e
Reginaldo Manente

Usando a linguagem convencional de paz entre os selvagens, os índios gigantes krahancacores deixaram uma flecha com a extremidade quebrada no interior da Base Aérea Haroldo Veloso, em Cachimbo, numa demonstração de que aceitam o contato pacífico com a expedição da Fundação Nacional do Índio — Funai — chefiada pelo sertanista Claudio Villasboas. Esta se encontra a aproximadamente 100 quilômetros do local, na frente avançada às margens do rio Peixoto de Azevedo.

A flecha — colocada perto do gerador de energia elétrica da Base — foi encontrada por índios do Parque Nacional do Xingu, integrados à turma de retaguarda, à espera de um avião que os conduza à região onde está a vanguarda da expedição e o outro enviado especial do Estado, Luís Salgado Ribeiro. A descoberta, feita na manhã de domingo, já foi comunicada à Funai, em Brasília, pelo delegado regional da entidade em Mato Grosso, coronel Olavo Duarte.

Numa batida que se seguiu à localização da flecha, o pessoal da Base Aérea achou, perto da cerca da torre do rádio-farol, uma clava da mesma tribo e outros indícios de que um grupo de Krahancacore tinha estado ali há menos de 48 horas, justamente quando Claudio Villasboas avançava para o rio Peixoto de Azevedo, ao seu encontro. Por algumas pegadas relativamente pequenas, presume-se que até mesmo crianças estiveram ali.

Ripas

Na cerca da torre, verificou-se que faltavam 12 ripas, duas das quais estavam a pouca distância, partidas. As demais demais devem ter sido levadas pelos índios. Alguns funcionários da Base Aérea acreditam que a clava estivesse ali vários dias, pois eram visíveis, na parte inferior, respingos de areia provavelmente resultante da chuva de há quase uma semana.

Outras marcas mais recentes fazem supor que os índios gigantes estiveram uma segunda vez no local para verificar se a flecha com a ponta partida havia sido retirada. Não se sabe porque os selvagens preferiram deixar uma clava e

soal da retaguarda está tranquilo.

A retaguarda

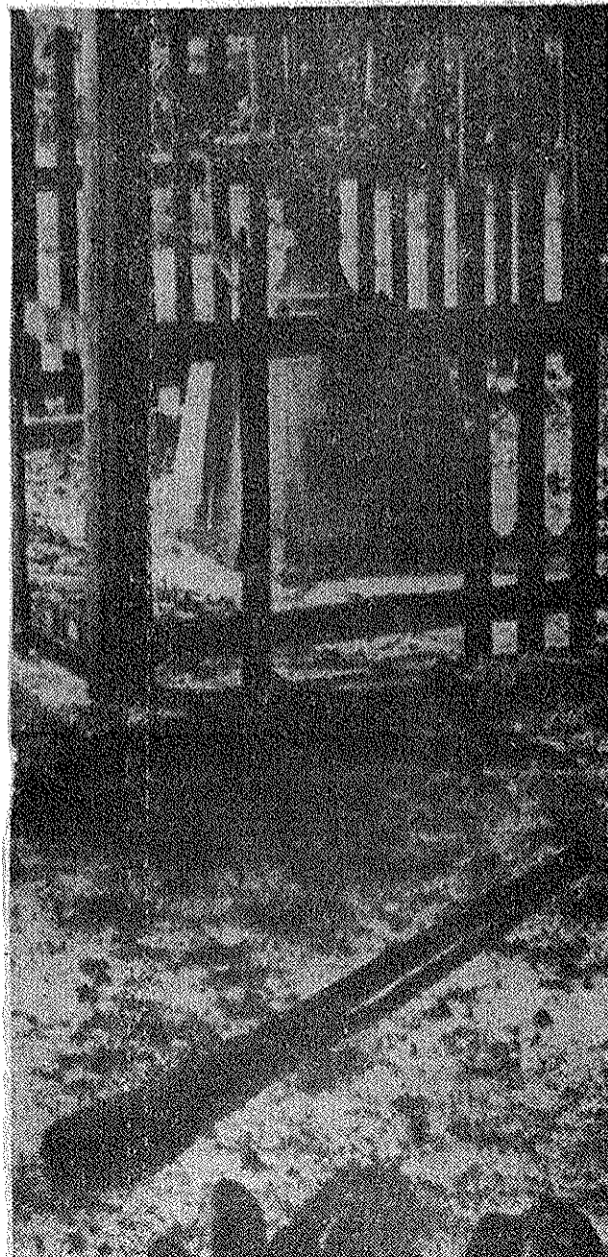
De toda a expedição, a tarefa mais difícil foi entregue à equipe de topografia do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção, da turma de retaguarda, que tem de abrir um caminho de serviço e construir pontes provisórias.

São, ao todo, 21 homens, praticamente desarmados, que se expõem aos índios na derrubada da mata. O chefe da turma, Sebastião, reconhece que, no mato, "o perigo não é muito grande, pois aí todos ficam em grupos e índios não atacam grupos numerosos". A alvorada e o anoitecer são os horários mais perigosos, pois "é quando os selvagens costumam atacar".

A abertura do caminho prossegue normalmente, sendo possível que, dentro de dez dias, a equipe do Batalhão de Engenharia e Construção alcance as margens do Peixoto de Azevedo. Pelos planos, somente quando for atingida a outra margem é que o grupo de Claudio Villasboas tomará a iniciativa do contato que agora os próprios krahancacores procuram (ver, na página 20, informações sobre as denúncias do sertanista Cotrim Lopes à Funai e sobre a oposição dos horros à derrubada de postes telegráficos).

não uma borduna perto da torre. A diferença entre as duas está na estrutura mais achatada da borduna, que lembra uma espada.

Ao tomar conhecimento das descobertas, o comandante do destacamento da Base Aérea, sargento Carlos Ribeiro, determinou que todos os objetos fossem recolhidos e colocados em seu lugar alguns facões, panelas e bolas para que estes possam ser retirados pelos krahancacores, facilitando-se assim o contato. Imediatamente, foi interditada a área do rádio-farol, ficando sob a responsabilidade dos índios do Parque Nacional do Xingu. Todo o pes-



Radiofoto Reginaldo Manente

A clava, sinal de paz dos gigantes